

## O TEU SOTAQUE É BONITO OU FEIO? UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO IFMS DE NOVA ANDRADINA/MS

### WHAT DO YOU THINK ABOUT YOUR PRONUNCIATION? A STUDY ON THE BELIEFS AND LINGUISTIC ATTITUDES OF STUDENTS OF TECHNICAL HIGH SCHOOL OF IFMS FROM NOVA ANDRADINA/MS

Márcio Palácios de Carvalho\*

Patrícia Graciela da Rocha\*\*

**Resumo:** Neste estudo objetivamos verificar como falantes do português brasileiro – alunos do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) *campus* Nova Andradina – se reconhecem linguisticamente e como eles avaliam e percebem a sua fala e a fala do outro. A metodologia de coleta de dados consistiu na participação de 72 estudantes e aplicação de um questionário de percepção e atitude linguística cujos resultados foram analisados sob escopo teórico e metodológico da Sociolinguística Laboviana. Os resultados revelaram que para a maioria dos alunos a língua falada na cidade é neutra, que não há sotaque e que em regiões como o nordeste é onde se fala um português menos bonito. Tais julgamentos em relação à própria língua falada e a forma de expressão do outro podem fazer com que o aluno passe a menosprezar a sua forma de falar e a das pessoas do seu convívio. Esses dados revelam a necessidade de repensar como a língua materna está sendo ensinada na localidade investigada.

**Palavras-chave:** Crenças e Atitudes Linguísticas. Ensino Médio. Sotaque.

**Abstract:** In this study we discuss as Brazilian Portuguese speakers students of the Technical Course in Agropecuária of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso do Sul - IFMS Campus Nova Andradina. The methodology of data collection consisted of the participation of 72 students and the application of a questionnaire of perception and linguistic attitude in the light of Variationist Sociolinguistics. The results revealed that, for most students, the language spoken in the city is neutral, there is no accent and that in regions like the northeast is that a less beautiful Portuguese is spoken. Such judgments about one's own spoken language and the other's manner of expression may cause the student to overlook his / her way of speaking and that of the people in his / her life. These data reveal the need to rethink how the mother tongue is being taught in the locality investigated.

**Keywords:** Linguistic Beliefs and Attitudes. High school. Accent.

### Introdução

A percepção da diversidade linguística é um dos fatos mais ocultos no contato entre pessoas. A avaliação subjetiva da língua do outro é natural, nos âmbitos individual

---

\* Mestre em Letras pela UEMS (2013). Atualmente, é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul - IFMS e orienta pesquisas na área de ensino línguas, com fomento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul - FUNDECT. E-mail: [marcio.carvalho@ifms.edu.br](mailto:marcio.carvalho@ifms.edu.br)

\*\* Doutora em Linguística pela UFSC (2008). Atualmente é professora Adjunta da UFMS/Campo Grande - MS, Professora Colaboradora no Mestrado em Estudos de Linguagens da mesma instituição e Professora nos cursos de Letras Português e Espanhol EaD e presencial. E-mail: [patrigraciro@gmail.com](mailto:patrigraciro@gmail.com)

e/ou social, o que permite (auto)representações, dada a dimensão ideológica intrínseca desta ação, uma vez que, em sociedade, os valores demarcam espaços e norteiam ações e comportamentos (SANTOS, 2017). Nesse sentido, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas são importantes e necessários mesmo em contextos aparentemente monolíngues, como no Brasil, atravessado de embates nos campos sociopolítico, histórico, ideológico e econômico.

Pesquisas desse tipo costumam revelar *preconceitos, estigmas, aversões, estereótipos*, dentre outros termos próprios de investigações no âmbito da Psicologia Social e as características afetivas, cognitivas e atitudinais não podem deixar de ser consideradas ao estudarmos as percepções e as avaliações linguísticas.

Estudos sobre crenças e atitudes linguísticas não são recentes, Labov (2008), na década de 70, em sua pesquisa sobre a variação linguística nos Estados Unidos, neste particular sobre a fonética registrada no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, já alertava sobre a necessidade e a importância do estudo desses aspectos.

Gomes Molina (1998) destaca que esses elementos atuam decisivamente junto à “consciência linguística”, na explicação da competência dos falantes e permitem ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que os falantes usam. Além disso, esses fatores influenciam na aquisição de segundas línguas.

Moreno Fernández (1998) complementa as contribuições de estudos dessa natureza entendendo que eles possibilitam o conhecimento mais profundo de alguns processos, tais como a eleição de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico e o ensino de línguas. Ademais, ele afirma que as atitudes agem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala.

Isso posto, empreendemos este estudo objetivando verificar como falantes do português brasileiro – alunos do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFMS, *campus* Nova Andradina – reconhecem-se linguisticamente e como eles avaliam e percebem a sua fala e a fala do outro, com isso pretendemos compreender como os falantes se identificam e se sentem em relação aos demais.

Desenvolvemos essa pesquisa considerando a necessidade de formação de um indivíduo que respeite e saiba conviver com o outro em sociedade, sem menosprezá-lo, sem criticá-lo e principalmente sem excluí-lo. Para isso, procuramos também fazer algumas reflexões sobre a importância de elaborar uma ação pedagógica que trabalhe o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa, em uma vertente que reconheça e valorize as variedades linguísticas do português falado tanto na localidade em que a escola se situa como em outras regiões.

Para explanarmos sobre o estudo realizado, organizamos este texto da seguinte forma: (i) Referencial teórico sobre crenças e atitudes linguísticas; (ii) Descrição da metodologia utilizada; (iii) Apresentação do *locus* da pesquisa; (iv) Análise e discussão dos dados; (v) Considerações finais e (v) Referências bibliográficas.

## **1 Crenças, atitudes linguísticas e ensino da língua materna**

Silva-Corvalán (2001) relata, em um estudo empírico realizado com diferentes grupos sociais, que os julgamentos sobre a língua falada por diferentes grupos em uma sociedade acontecem por meio de uma análise subjetiva que estratifica socialmente as variedades e, conseqüentemente, os falantes que se afastam do padrão normativo, por

outro lado, a variedade reconhecida como padrão torna-se referência para norma, crença e atitudes linguísticas.

A pesquisa dessa autora consistia em apresentar diferentes versões de uma gravação feita por uma única pessoa com a habilidade de imitar perfeitamente mais de uma variedade do espanhol falado por diferentes grupos sociais. Ao escutarem a variedade que mais se aproximava do padrão falado da língua espanhola, os grupos apresentavam atitudes positivas, categorias como: inteligente, confiável e seguro eram usadas para avaliação do áudio. Por outro lado, quando escutavam a mesma gravação em uma variedade que se distanciava da legitimada, “os grupos demonstraram atitudes negativas, os julgamentos, agora, eram de inferioridade, expressões como: menos inteligente, menos capaz e menos confiável eram utilizadas na avaliação da gravação” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 35)

Em seu estudo sobre a ideologia linguística, Milroy (2011) argumenta que, em geral, os falantes de línguas modernas amplamente utilizadas como o inglês, o francês e o espanhol acreditam que há formas linguísticas padronizadas. Essa crença afeta o modo como eles avaliam a sua fala e a fala de pessoas de outras regiões dentro de um mesmo país.

Na concepção apresentada anteriormente, o padrão linguístico é associado a certo prestígio linguístico. O autor, no entanto, revela que o surgimento da categoria “prestígio” em uma língua não está relacionado a fatores linguísticos, mas sim sociais. Dessa forma, quando falantes que ocupam posições socialmente prestigiadas em uma sociedade, lançam mão de determinadas formas linguísticas, essas expressões também passam a ser reconhecidas por meio de um processo de metonímia como uma variedade linguística prestigiada (MILROY, 2011).

No caso do Brasil, um país rigidamente marcado por uma estratificação social, o reconhecimento e a valorização de variedade linguística que se aproxima do padrão normativo, pode gerar crenças e atitudes preconceituosas. Na maioria das vezes, não se realiza uma devida reflexão sobre os processos históricos, sociais e linguísticos em um país com grandes extensões territoriais como o nosso (LUCCHESI, 2015).

Além disso, as pessoas que normalmente assumem a posição de defensores da língua acreditam que alguns falantes escolhem, entre várias escolhas disponíveis, justamente a forma “incorreta”. A esse respeito Milroy (2017) acrescenta que:

as pessoas não associam necessariamente esses juízos com preconceito ou discriminação em termos de raça ou classe social: elas acreditam que, sejam quais forem as características sociais dos falantes, estes simplesmente usaram a língua de modo errado e que existe para eles a possibilidade de aprender a falar corretamente. Se não o fizeram, é por culpa própria deles, como indivíduos, seja qual for sua raça, cor, credo ou classe; existe uma abundância de modelos de bom falar para eles (MILROY, 2017, p. 59).

Vale a pena destacar que essas crenças e atitudes linguísticas sobre a forma como o outro se expressa oralmente, normalmente, é realizada por quem está e sempre esteve em uma posição socialmente privilegiada na sociedade, localizado em grandes centros urbanos elitizados e onde, geralmente, há uma maior concentração de renda econômica, consequentemente, tais indivíduos sempre tiveram acesso a uma educação de melhor qualidade, diferentemente daqueles que estão e sempre estiveram nas periferias sociais. Acerca desse cenário, Faraco (2008) menciona que há na sociedade brasileira uma dificuldade enorme para reconhecer e conviver com a heterogeneidade e sempre surgem os defensores, pessoas que ocupam o papel de autoridade: inventam

regras e proibições e, assim, expressões corriqueiramente usadas pelos falantes são condenadas.

Para o desenvolvimento de um trabalho significativo em ambientes escolares, Beline (2018) argumenta que é necessário discutir e evidenciar que tipo de atitude linguística é atribuída a cada variedade do português em uma sociedade historicamente marcada por injustiças e fronteiras sociais e a consequência desse ato para o ensino da língua materna, principalmente, em contextos economicamente desfavoráveis, onde se concentra a maioria dos estudantes da Educação Básica Pública Brasileira.

Na mesma direção, Cyranka (2016) indica que para uma mudança de trajetória, o primeiro passo que a escola deve realizar, no sentido de construir crenças e atitudes linguísticas positivas, é fazer com que os alunos percebam a legitimidade que há na língua materna e que ela expressa a cultura do grupo social a que pertencem, bem como a legitimidade que há na fala de outros grupos sociais com os quais devem interagir. A busca, por parte da escola, deve consistir em apresentar outros recursos linguísticos socialmente mais reconhecidos e que os alunos precisarão usar em determinadas situações.

Diante disso, acreditamos que a escola não somente deve apresentar as variedades do português falado, mas, sobretudo, conduzir os alunos a perceberem que o uso de determinada forma de expressão não ocorre aleatoriamente.

Outro ponto importante que o ensino não pode deixar de explorar é o conceito de norma padrão e norma culta. A esse respeito, Faraco (2008) afirma que a norma padrão é ideológica, retirada do contexto de uso da língua, portanto, invariável e serve como referência a projetos de unificação linguística. A norma culta, por sua vez, refere-se ao uso real, logo, variável podemos notar a variação na fala de algumas pessoas letradas em situações de comunicação menos monitoradas de fala e de escrita.

Sobre essa questão, Cyranka acrescenta que:

no trabalho com a língua portuguesa na escola, nada disso se discute, mas se propõe a aprendizagem da norma idealizada, a norma-padrão, como se isso fosse suficiente para que os alunos se tornem competentes no uso das variedades cultas, com as quais, principalmente, os que pertencem às classes populares rurais, pouco convivem fora da escola (CYRANKA, 2016, p. 140).

É preciso mencionar que a mídia também contribui para que as pessoas tenham uma atitude negativa sobre determinadas variedades linguísticas quando apresenta, por exemplo, uma “caricatura linguística” na tentativa de representar determinada região do Brasil em programas humorísticos com o objetivo de provocar o riso nos telespectadores (BAGNO, 2003).

Nesse sentido, um ensino que toma como referência um padrão ideológico terá inúmeras chances de contribuir mais para construção de crenças e atitudes negativas do que o contrário. Certamente, os alunos também terão uma atitude negativa em relação à própria disciplina. Talvez seja por isso que ainda escutamos frases do tipo “Eu não gosto de português”. Se tomamos a perspectiva da norma-padrão para o ensino de língua materna, o aluno terá razão, uma vez que é difícil gostar de algo que não se conhece.

## **2 Metodologia**

Este estudo contou com a participação de 72 alunos das turmas do 1º semestre, 2º semestre e 5º semestre do curso Técnico em Agropecuária, integrado do Ensino

Médio do IFMS, *campus* Nova Andradina. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um teste de percepção e atitude linguística, realizado no primeiro semestre de 2018. No referido *campus* também há o curso de Técnico em Informática, integrado ao Ensino Médio, no entanto, selecionamos o primeiro curso porque, dentre os seus objetivos de formação está “preparar um profissional que saiba se posicionar criticamente diante de injustiças sociais, ético em suas ações, possuidor de uma cultura geral sólida e consistente” (PPC, 2010 p.14).

O teste de percepção e atitude linguística, com 24 questões, foi elaborado e aplicado por meio da ferramenta Formulário Google<sup>1</sup> e compartilhado, pelo link, com os alunos de três turmas do curso mencionado. As primeiras questões tinham o objetivo de traçar um perfil social do aluno participante do estudo e continham as seguintes perguntas:

- (1) Qual seu gênero? *masculino ou feminino*
  - (2) Qual sua faixa etária? *13 a 15 anos; de 16 a 18 anos e mais de 18 anos*
  - (3) Qual sua escolaridade? *1º semestre; 3º semestre ou 5º semestre*
  - (4) Qual foi a cidade em que você nasceu? *Resposta dissertativa.*
  - (5) Onde você mora atualmente? *zona urbana ou rural.*
  - (6) Você sempre morou no mesmo local? *sim ou não.*
  - (7) Em relação à questão anterior 6. Se você mora na zona rural e morou anteriormente na zona urbana, diga por quanto tempo morou lá? *de 1 a 5 anos; de 6 a 10 anos, de 11 a 15 anos ou mais de 16 anos.*
  - (8) Se você mora na zona urbana e morou anteriormente na zona rural, diga por quanto tempo morou lá? *1 a 5 anos; de 6 a 10 anos, de 11 a 15 anos ou mais de 16 anos.* Vale destacar que as perguntas (7) e (8) eram optativas.
- Na segunda seção do questionário, elaboramos perguntas que tinham como objetivo levantar avaliações subjetivas sobre a língua falada e ouvida por eles, além de crenças e atitudes linguísticas:
- (9) Você acha que tem sotaque? *sim ou não.*
  - (10) Se sim, o que você acha do sotaque das pessoas que moram aqui? As opções eram os adjetivos *bonito, feio, engraçado, estranho e neutro.*
  - (11) Você já tentou mudar/monitorar o seu sotaque em alguma situação? As respostas possíveis eram: *sim, não e talvez.*
  - (12) Você já foi corrigido por alguém pelo fato de falar de forma diferente? As respostas possíveis eram: *sim, não e talvez.*
  - (13) Se sim, como você se sentiu ao ser corrigido? *Aqui disponibilizamos um espaço para o que o informante escrevesse de forma livre.*
  - (14) Você já corrigiu alguém pelo fato de a pessoa falar de uma forma diferente? *sim, não ou talvez.*
  - (15) Se sim, como a pessoa reagiu diante da sua correção? *Resposta dissertativa.*
  - (16) Você já imitou algum sotaque em situação de viagem ou quando morou fora da sua cidade natal?
  - (17) Você já sofreu Bullying por causa do seu sotaque? *Sim, não ou talvez.*
  - (18) Se sim, você pode me contar como foi esse episódio?

---

<sup>1</sup> Recurso do Google Drive que permite que o usuário crie e compartilhe formulário, utilizando um e-mail ou um link, os gráficos são gerados automaticamente a partir das respostas recebidas. Para maiores informações acesse: <<https://goo.gl/B68hbv>>. Acesso em 23 jan. 2019



(19) Você concorda que o Português é uma língua muito difícil? *Sim, não ou talvez.*

(20) Você concorda que no Brasil só se fala Português? *Sim, não ou talvez.*

(21) Na sua opinião, existe uma região ou cidade que tem o Português mais bonito? *Sim ou não.*

(22) Se sim, diga por que você acha que é mais bonito. *Resposta dissertativa.*

(23) Na sua opinião, existe uma região ou cidade que tem o Português menos bonito? *sim ou não e*

(24) Se sim, diga por que você acha que é menos bonito.

Como é possível prever, essas perguntas geraram muitas respostas interessantes que merecem ser analisadas e discutidas separadamente ou então agrupadas por temáticas afins. Sendo assim, considerando o espaço disponível neste texto, optamos por apreciar apenas parte dos dados gerados pelo questionário como veremos na seção de análise e discussão dos resultados.

Vale a pena frisar que explicamos aos alunos que essas perguntas tinham como objetivo pensar em uma aula mais próxima à realidade do *campus* Nova Andradina e contribuir com a melhoria do ensino e que manteríamos o anonimato deles. Dessa forma, todos participaram da pesquisa, respondendo ao questionário que foi aplicado durante as aulas de língua portuguesa cujo professor é um dos autores deste texto.

Embora o objetivo seja fazer uma análise qualitativa das respostas dos informantes, à luz da teoria sociolinguística laboviana, apresentamos, na exposição dos resultados, gráficos com informações quantitativas, pois sabemos que a investigação quantitativa possui a característica de ser objetiva, confirmatória, inferencial, dedutiva, orientada ao resultado, generalizável e remete à realidade estática. Além disso, esse tipo de tratamento de dados percentuais costuma ser bastante utilizado em estudos que tratam de crenças e atitudes linguísticas (TARALLO, 1990).

### **3 Locus da pesquisa**

Conforme mencionamos anteriormente, nosso *locus* de estudo é Nova Andradina, uma cidade relativamente pequena (cerca de 46 mil habitantes) localizada na região sudeste de Mato Grosso do Sul, distante 300 quilômetros da Capital do Estado, Campo Grande. Ela faz confluência entre os estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, o que contribuiu para a expansão de sua economia, principalmente no tocante à criação e abate de bovinos, o que lhe rendeu o título de “Capital do Boi” por ser um dos principais polos pecuários do Brasil.

No seu processo de formação, relativamente recente (por volta de 1960) foram loteadas muitas propriedades rurais, oferecendo grandes vantagens aos migrantes, o que culminou em uma veloz povoação da região, contando com um relevante número de paulistas, paranaenses, mineiros e, principalmente, nordestinos, que se deslocaram para a região e que formaram a base cultural desse lugar.

Esses movimentos migratórios resultaram em uma população bastante miscigenada, culturalmente heterogênea e com traços linguísticos representativos dos lugares de origem dos seus moradores, ou seja, é possível identificar facilmente o “r” caipira, típico do Mato Grosso do Sul e também do interior de São Paulo, além de metaplasmos e elevação das vogais como em “nóis tava tudu num barcu”, “aliais um boti qui afundo cum nós treis... foi um grandi sustu” (BUENO; SILVA, 2012, p. 10), dentre outros fenômenos linguísticos.

É nesse contexto que foi criado, em 2010, a primeira unidade no estado do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), localizada na Rodovia MS 473, Km 23, Fazenda Santa Bárbara, *lócus* da nossa pesquisa.

O *campus* está localizado a 23 quilômetros da cidade de Nova Andradina, portanto, trata-se de uma escola situada em uma zona rural (ver foto 1) que atende a aproximadamente 1.200 alunos do Ensino Médio Integrado, Técnico Subsequente, Superior e os Cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC, nas modalidades presencial e a distância.



**Foto 1:** Vista aérea do IFMS *campus* Nova Andradina.  
Disponível em:<<https://goo.gl/toAEWQ>>. Acesso em 23 jan. 2019.

Inicialmente, o *campus* abriu vagas para os Cursos Técnicos Integrados em Agropecuária, Informática e Manutenção e Suporte em Informática, o último oferecido na modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja). Em 2011, a unidade iniciou a oferta do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e passou a oferecer qualificação profissional em Preparo, Conservação e Congelamento de Alimentos, pelo Programa Mulheres Mil, do Governo Federal. A expansão prosseguiu nos anos seguintes com a abertura de vagas para o curso superior de Tecnologia em Produção de Grãos, o Bacharelado em Agronomia e o Técnico Subsequente em Zootecnia, além de cursos oferecidos na modalidade a distância e de qualificação profissional. A Especialização em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica foi aberta em 2014.

Dentre os cursos existentes, escolhemos realizar a pesquisa com alunos do curso Técnico em Agropecuária, integrado do Ensino Médio, por serem turmas onde um dos autores deste estudo é docente.

#### **4 Análise e discussão dos resultados**

Conforme mencionado anteriormente, devido ao espaço destinado a este texto, não apresentaremos o resultado de todas as perguntas que fizemos aos alunos, nos limitaremos a descrever rapidamente o perfil dos informantes, em seguida, trataremos das questões nas quais eles avaliam a língua falada na sua região e no país, ou seja, abordaremos as respostas às questões 9, 10, 21 e 22. A opção em apresentar

parcialmente os dados abre a oportunidade de explorar mais cuidadosamente os resultados de acordo com os seus agrupamentos temáticos.

O perfil dos informantes é bastante diversificado, a instituição recebe tanto alunos de assentamentos, sítios e fazendas da região como da comunidade de Nova Andradina e outras circunvizinhas, muitos estudantes veem na formação técnico-profissional uma oportunidade de ingressar no mercado do trabalho como na Educação Superior. Em relação à idade, do total de 72 alunos participantes da pesquisa, os dados levantados permitiram observar que 24 alunos possuem entre 13 a 15 anos, 36 entre 13 a 15 anos e 12 alunos têm mais de 18 anos<sup>2</sup>. Desse total, 37 são do sexo masculino e 35 do feminino. Por meio de conversas com os participantes, percebemos que a formação técnica exerce muita influência na hora de escolher entre uma escola que oferta somente o ensino básico e o IFMS que trabalha com o ensino integrado.

No diz respeito ao local de moradia desses informantes, verificamos que 63,9% são residentes da zona urbana e 36,1% da zona rural. Consideramos que esse dado é bastante relevante, pois mostra que uma parcela significativa da clientela atendida pela escola reside em fazendas, chácaras, sítios e assentamentos, o que contribui para que a língua portuguesa falada pelos moradores da cidade de Nova Andradina traga consigo fenômenos linguísticos que algumas vezes se distanciam da variedade do português falado grandes centros urbanos (BUENO; SILVA, 2012). Isso nos leva a defender que o ensino, em especial o da língua portuguesa, deve ser direcionado para um trabalho com a variação linguística desmistificando possíveis julgamentos pejorativos em relação a essa variedade mais rural, sem deixar de contemplar, em um processo interativo, variedades socialmente prestigiadas (BRASIL, 2000).

Além de conhecer melhor a clientela da escola pública escolhida para aplicação do questionário, esses dados de perfil podem ajudar no planejamento educacional local, pois ao invés de estudar a variação linguística por meio de manuais didáticos, os alunos podem realizar atividades práticas, entrevistando seus familiares e amigos depois discutir as diferenças e realizar hipótese sobre a heterogeneidade linguística. Nesse sentido, Faraco (2008) e Cyranka (2016) nos orientam que é preciso buscar a linguagem que se manifesta de forma real e deixar padrões linguísticos ideológicos que julgam os falantes.

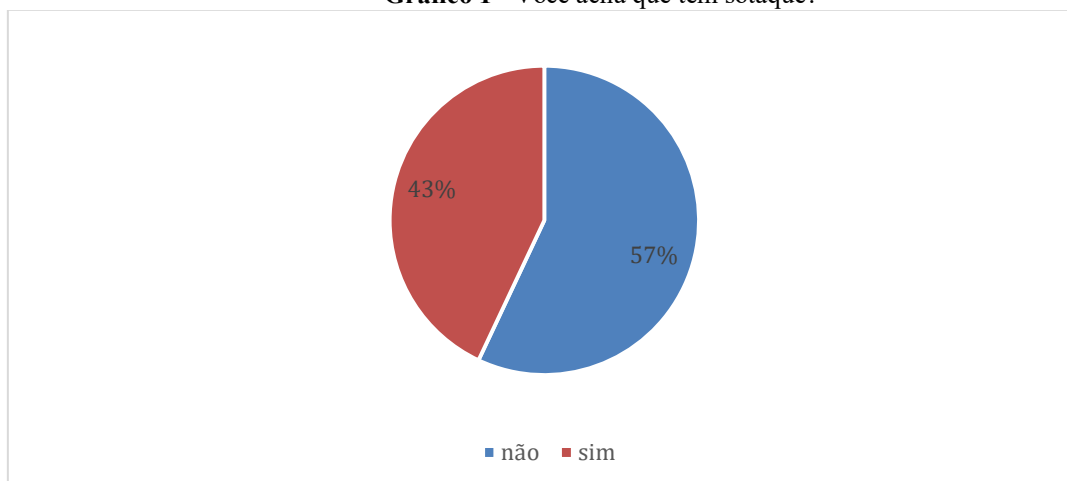
O gráfico a seguir apresenta as respostas dos alunos em relação ao seu sotaque. Perguntamos a eles se a sua forma de expressão apresentava sotaque ou não.

---

<sup>2</sup> Dados dos participantes matriculados no primeiro semestre. Disponível em: <<http://bit.ly/31EEwxV>>. Acesso em 16 jun. 2019, no segundo semestre. Disponível em: <<http://bit.ly/2Rj77nk>>. Acesso em 16 jun. 2019 e no quinto semestre. Disponível em: <<http://bit.ly/2Fdtm9L>>. Acesso em 16 jun. 2019



Gráfico 1 - Você acha que tem sotaque?



Fonte: Dados coletados e sistematizados pelos autores.

Ao realizar a pergunta “Você acha que você tem sotaque?” 57% dos alunos responderam que não e 43% disseram que sim. Como vemos, as opiniões estão praticamente divididas.

Uma boa explicação para essa percepção acerca da própria fala é trazida por Bagno (2015), para ele os sotaques se caracterizam por traços segmentais e por traços suprasegmentais. Os traços segmentais se referem a pronúncias características de sons da língua: por exemplo, o “s chiado” dos cariocas, o “R caipira”, as vogais pretônicas abertas dos falares nordestinos são traços segmentais. Os traços suprasegmentais têm a ver com a prosódia, isto é, com fatores como entonação, duração, linha melódica etc. É muito comum as pessoas usarem metáforas como “arrastado”, “cantado”, “ríspido”, “suave”, “brusco” etc. para se referir aos sotaques (BAGNO, 2015, p. 276).

O autor também destaca que os sotaques são as manifestações mais próximas da identidade linguística do falante, pois quando alguém fala, qualquer pessoa do mundo, em qualquer lugar, exhibe os traços prosódicos característicos da sua variedade linguística. É como se houvesse uma “placa na testa” informando o local de origem daquele indivíduo.

De acordo com esse autor, quando dizemos que alguém “fala sem sotaque”, “o que realmente estamos querendo dizer é que essa pessoa fala de um modo mais próximo do sotaque que, por razões exclusivamente históricas e socioculturais, se transformou numa espécie de ‘fala neutra’ da língua nacional” (BAGNO, 2015, p. 277).

Como sabemos, no Brasil, a pronúncia considerada padrão é aquela resultante de uma síntese das falas das camadas mais letradas das grandes cidades da região sudeste, depois de eliminados os traços segmentais mais característicos. Para Bagno (2015), o apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, William Bonner é o locutor símbolo dessa “pronúncia padrão” que assume um caráter “neutro” devido a alguns aspectos linguísticos. Sendo assim, falar português brasileiro “sem sotaque” significa falar como alguém das classes urbanas mais letradas da região Sudeste.

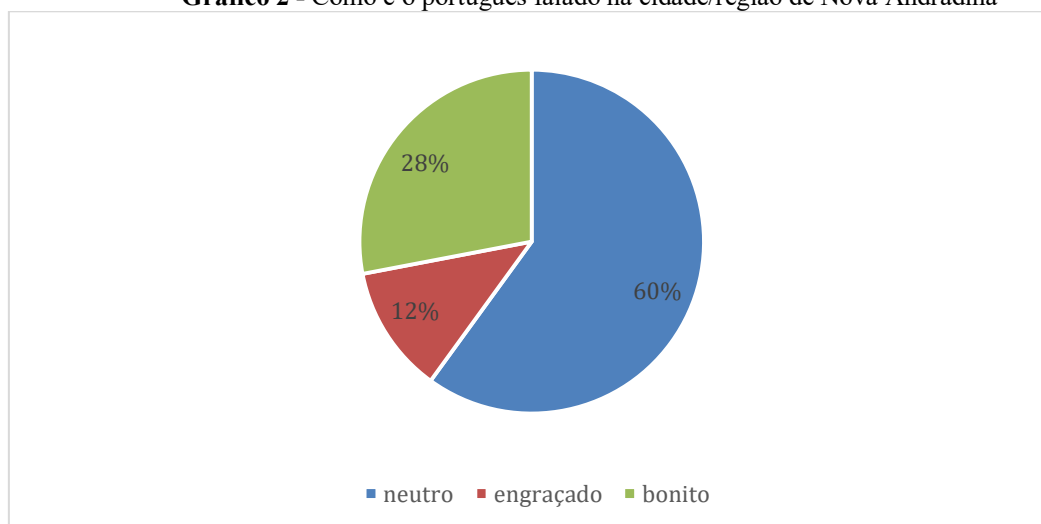
Diante disso, esses 57% de alunos que responderam que “não tem sotaque” provavelmente têm essa crença que pode ser facilmente desacreditada ao trazer para a consciência alguns dos seus traços linguísticos segmentais e/ou suprasegmentais típicos da sua região de origem.

Esses percentuais também nos levam a refletir sobre a necessidade de fazer com que seus alunos reconheçam a sua identidade linguística e tenham uma atitude

positiva, no sentido de entender que todas as variedades faladas são linguisticamente válidas, dessa forma, a escola estará contribuindo de modo mais significativo para uma formação que conheça, reconheça e respeite a linguagem falada nas sociedades em que se localizam instituições de ensino (CYRANKA, 2016).

No próximo gráfico, procuramos verificar a percepção/avaliação dos estudantes que participaram da pesquisa têm em relação à língua falada na sua região.

**Gráfico 2 - Como é o português falado na cidade/região de Nova Andradina**



**Fonte:** Dados coletados e sistematizados pelos autores.

Diante da pergunta “Como é o português falado na cidade/região de Nova Andradina” 60% dos alunos responderam que ele é neutro, 28% que ele é bonito e 12% escolheram o adjetivo engraçado.

Como vimos anteriormente, de acordo com Bagno (2015), a pronúncia padrão assume um caráter “neutro” e isso se deve a alguns aspectos, entre outros: Não apresenta o “S chiado” característicos do Rio de Janeiro; em lugar dele, ocorre o [s] “sibilado”. Não apresenta o [r] simples vibrado em sílaba travada, característico da fala paulistana, nem o [x] uvular de alguns falares cariocas; em lugar deles se usa uma aspiração leve, [h];

Apresenta as consoantes [dz] e [tʃ] diante de [i] (“djia”, “tchitchia”), características da variedade carioca, paulistana e belo-horizontina; isso porque a pronúncia não palatalizada dessas consoantes remete imediatamente a falares nordestinos;

Apresenta semivogal [u] na pronúncia do –l final de sílaba e de palavra, que também é comum às variedades carioca, paulistana e belo-horizontina;

Evita o fechamento das vogais pretônicas [e] e [o] em [i] e [u], como em menino, começo, pedir, moeda etc. pronunciando as vogais de um modo mais próximo do que está escrito. (BAGNO, 2015).

Ainda de acordo com o autor, esse modelo de pronúncia é imitado, com maior ou menor sucesso, por locutores de rádio e televisão de outras regiões do país, o que acaba divulgando essa variedade por todo o Brasil. Sendo assim, achar que fala português brasileiro “sem sotaque” ou que o seu português é “neutro” é acreditar que fala como alguém das classes urbanas mais letradas da região Sudeste. Entretanto, sabemos (empiricamente) que os alunos, sujeitos dessa pesquisa, não possuem alguns dos traços linguísticos apresentados por Bagno (2015) que seriam característicos do

“sotaque neutro”, pois o “r” utilizado pela maioria deles não é aspiração leve, mas o “r” retroflexo, conhecido popularmente como o “r” caipira.

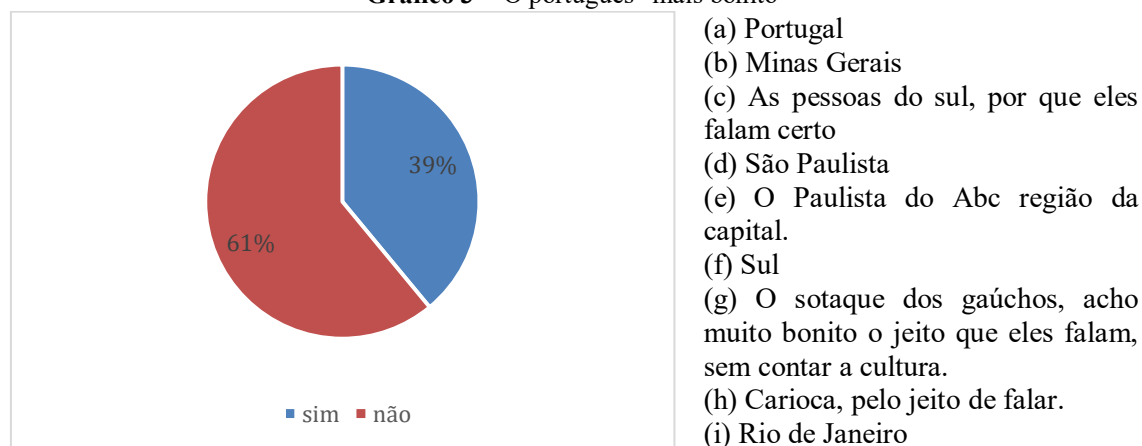
Outra característica linguística da fala da região de Nova Andradina que se distancia desse “padrão” são os metaplasmos estudados por Bueno e Silva (2012), além da elevação das vogais como em “nóis tava tudu num barcu”, “aliais um boti qui afundo cum nós treis... foi um grandí sustu”. Sendo assim, esses 60% de alunos precisam tomar consciência dos seus traços linguísticos e das demais variedades linguísticas a sua volta.

Temos ainda 28% de alunos que acham “bonito” o português falado na cidade/região de Nova Andradina, o que demonstra uma avaliação positiva diante da sua própria variedade e, conseqüentemente, uma identificação com ela.

Por outro lado, 12% escolheram o adjetivo “engraçado” para avaliar a variedade linguística da sua região, o que indica uma “autodepreciação” nos termos de Bagno (2015). De acordo com o autor, esse também é um fenômeno corrente, provocado pela depreciação que determinados sotaques sofrem quando são confrontados com outros, mais prestigiados. Mais adiante retomaremos esses conceitos ao discutirmos as práticas pedagógicas necessárias para lidar com avaliações linguísticas negativas.

No quadro a seguir podemos observar as respostas dos alunos quando perguntados se, na opinião deles, existe uma região ou cidade que tem o português “mais bonito”:

**Gráfico 3 - O português “mais bonito”**



**Fonte:** Dados coletados e sistematizados pelos autores.

As respostas do quadro acima foram obtidas a partir das seguintes perguntas: (21) *Na sua opinião, existe uma região ou cidade que tem o Português mais bonito? Sim ou não.* (22) *Se sim, diga por que você acha que é mais bonito. Resposta dissertativa.*

Como vemos no Graf. 3, a maioria dos alunos (61%) acredita que não existe uma região ou cidade que tem o Português mais bonito, enquanto 39% acham o contrário.

Devemos observar que o sujeito da pesquisa tinha a opção de responder dissertativamente a pergunta 22, mas não era uma obrigatoriedade, mesmo assim, se amalgamarmos as respostas por afinidades, podemos perceber que três desses sujeitos acreditam que existe um “Português mais bonito” e que ele é falado na Região Sul do Brasil, dois acham que é em São Paulo (Região metropolitana), dois acreditam que é no Rio de Janeiro, um em Minas Gerais e um em Portugal.

Bagno (2015) discute essas questões quando trata da mitologia do preconceito linguístico. Nessa obra o autor elenca oito mitos linguísticos que são típicos do senso comum. Trataremos aqui dos mitos nº 2 para elucidar os dados expostos no Graf. 3. O mito nº 2 diz: “Brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português” (BAGNO, 2015, p. 37). Para o autor, essas duas opiniões são duas faces da mesma moeda e refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos uma colônia dependente de um país mais antigo e mais “civilizado”, para ele, esse tipo de pensamento, que pode ser observado na primeira resposta do Graf. 3, exprime uma ideologia impregnada em nossa cultura há muito tempo que “se baseiam mais em posturas preconceituosas – perpetuadas ao longo dos séculos pela desinformação ou má informação – do que em análises científicas acuradas dos fatos linguísticos” (BAGNO, 2015, p. 40).

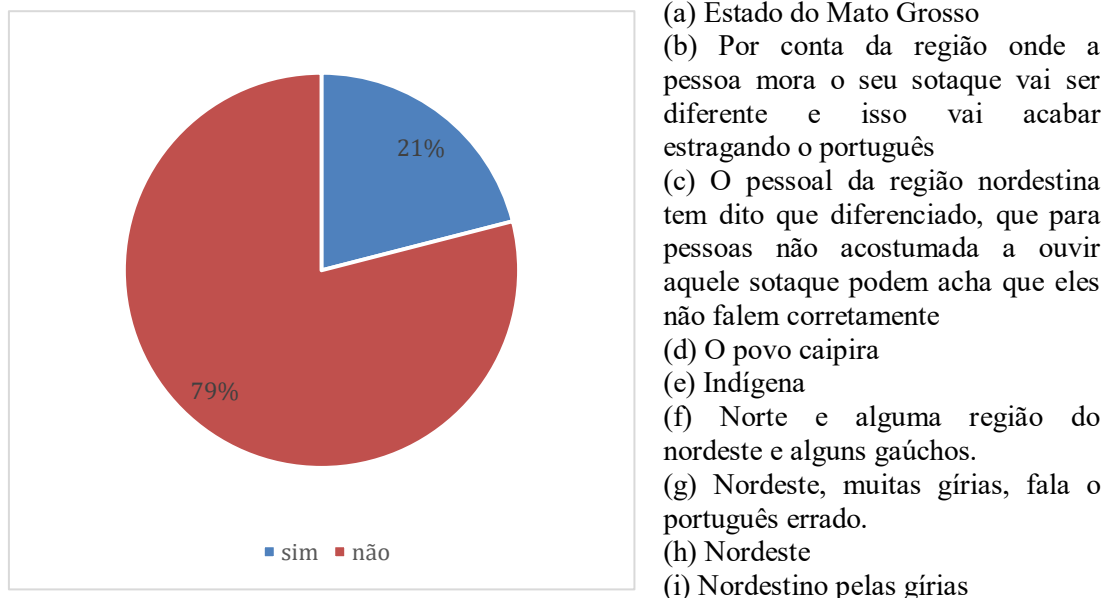
O autor acrescenta que a ideia, expressa por esse mito, é “uma piada de mau gosto infelizmente transmitida de geração em geração pelo ensino tradicional de gramática na escola” (BAGNO, 2015, p. 43) e esclarece, ainda, que o nosso português é diferente do português falado em Portugal, que usamos esse nome por uma razão histórica e que do ponto de vista linguístico a língua falada no Brasil tem uma gramática própria, diferente daquela de Portugal. É por isso que os cientistas da linguagem têm chamado a nossa língua de “português brasileiro”, o que é mais adequado e marca a diferença entre uma e outra.

De acordo com o autor, esse mito transmite a ideia, sem nenhum fundamento científico, de que os portugueses falam todos da mesma maneira, como se lá não existisse variação linguística, como existe em toda e qualquer língua viva desse planeta. Nesse sentido, concordamos com o autor que é preciso esclarecer, na escola principalmente, que o português europeu não é nem nunca foi uma língua uniforme e homogênea, que ela apresenta dialetos regionais bem diferentes uns dos outros e que também apresenta variação social. É preciso ensinar aos brasileiros que os portugueses não são os “donos da língua” e que nós não a utilizamos apenas como “empréstimo”.

Sobre as demais regiões do país apontadas no Graf. 3 como sendo aquelas onde se fala um “português mais bonito”, de acordo com os sujeitos da pesquisa, o que pode estar havendo é, provavelmente, uma avaliação positiva em relação ao sotaque desses lugares, pois de acordo com Bagno (2015), o sotaque exerce um forte papel nas avaliações socioculturais que os falantes da língua recebem em suas interações sociocomunicativas. Devido às condições socioeconômicas de determinadas regiões, as falas características desses lugares receberão avaliação positiva ou negativa de acordo com o prestígio político e/ou a importância econômica da região.

Essas declarações do autor podem ser facilmente confirmadas quando observamos as afirmações dos sujeitos da pesquisa expressas no gráfico 4 sobre o Português *menos bonito*:

Gráfico 4 - O português “menos bonito”



Fonte: Dados coletados e sistematizados pelos autores.

As respostas acima foram obtidas a partir das seguintes perguntas: (23) *Na sua opinião, existe uma região ou cidade que tem o Português menos bonito? Sim ou não.* (24) *Se sim, diga por que você acha que é menos bonito. Resposta dissertativa.*

Como vemos no Graf. 4, a maioria dos alunos (79%) acredita que não existe uma região ou cidade onde o Português é *menos bonito*, enquanto 21% acham o contrário.

Ao amalgamarmos apenas as respostas dissertativas por afinidades, podemos perceber que quatro sujeitos que responderam a esta pergunta acreditam que existe um “português mais feio” e que ele é falado na Região Nordeste. Um informante acha que é no Mato Grosso, um acha que é o povo caipira (de forma geral), um considera que são os indígenas e outro afirma que é no “Norte e alguma região do nordeste e alguns gaúchos”.

Essas respostas corroboram as afirmações de Bagno (2015) sobre a forte carga de desprestígio que pesa sobre as variedades nordestinas que geralmente são identificadas com uma região tida como “atrasada” politicamente e “subdesenvolvida” economicamente. Para o autor, um falante nordestino é facilmente identificado em outras regiões por seu sotaque e, em decorrência disso, pode sofrer discriminação e uma prova disso é a recorrência de personagens nordestinos em novelas de televisão, sempre interpretados por atores e atrizes não nordestinos que falam com um sotaque estereotipado e exagerado, com o fim de obter efeitos de humor e depreciação. De acordo com o autor, essa depreciação linguística acaba gerando a autodepreciação:

A autodepreciação também é um fenômeno corrente, provocado pela depreciação que determinados sotaques sofrem quando confrontados com outros, mais prestigiados. Assim, muitos nordestinos confessam não gostar do seu modo típico de falar a língua e procuram adquirir os traços segmentais e suprasegmentais das variedades de maior prestígio. Falantes do ‘dialeto caipira’, quando vão para as grandes cidades, principalmente São Paulo, tentam apagar os traços mais característicos de suas variedades linguísticas (BAGNO, 2015, p.281)



Sendo assim, não é por acaso que os falantes apontados como aqueles que falam o “português mais feio”, pelos sujeitos dessa pesquisa, sejam os nordestinos, os caipiras (aqui incluímos também os habitantes de Mato Grosso), os nortistas e os indígenas, ou seja, são povos historicamente desprestigiados socialmente e a avaliação linguística é mais um reflexo disso.

Para contribuir para essa atitude negativa, não são apenas nordestinos sendo ridicularizados em nível nacional, mas, sobretudo, nordestinos pobres. Tais estereótipos que aparecem nas respostas (a) e (g) já foram evidenciados em trabalhos científicos. Falantes que no decorrer da história tiveram seus direitos negados sofrem por injustiças sociais (BAGNO, 2013 e 2015; LUCCHESI, 2015; BELINE, 2018).

Devemos observar também que, além de não reconhecer a própria variedade falada na cidade de Nova Andradina e no estado de Mato Grosso do Sul parece que há uma dificuldade de conviver com a própria variedade (FARACO, 2008). Isso gera nos próprios falantes um sentimento de culpa, como se eles simplesmente escolhessem usar a forma incorreta (MILROY, 2017) entre várias opções.

Sobre essas questões, Bagno afirma que

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou “o pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Ainda que se considere necessário conhecer e divulgar as formas linguísticas de prestígio, mais frequentes na fala dos cidadãos mais letrados, não se pode fazer isso de modo absoluto, fonte de preconceito. Temos que levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, inclusive as urbanas prestigiadas (BAGNO, 2015, p.78).

O mesmo autor destaca ainda que é muito importante, na prática pedagógica, que os professores estejam atentos aos mecanismos de discriminação que podem ser ativados com base nos sotaques de seus alunos, sobretudo quando a sala de aula é mais homogênea, com alunos nascidos num mesmo lugar, é muito comum ocorrer atitudes de zombaria/chacota diante de alunos provenientes de outras regiões, pois “uma escola democrática e democratizadora tem de respeitar a diversidade linguística e impor esse respeito na formação dos seus alunos” (BAGNO, 2015, p. 282).

A esse respeito, as pesquisas sociolinguísticas vêm contribuindo para as tomadas de decisões sobre o ensino de línguas como, por exemplo, a inserção do tema variação linguística nos PCN. No entanto, analisando os dados do gráfico 2, percebemos que no nosso *locus* de pesquisa ainda falta por em prática ações que efetivamente contribuam para eliminar julgamentos negativos em relação à língua falada por vários grupos sociais.

### **Considerações finais**

Entendemos que as pesquisas realizadas, principalmente, na área da Sociolinguística foram e continuam sendo importantes no planejamento de políticas educacionais de reconhecimento e valorização das variedades do português falado no Brasil. Contudo, é fundamental mostrar por meio de pesquisa *in loco* qual é a noção de língua que se tem em várias regiões do país para delinear um trajeto que revele a noção que se tem do português falado no Brasil e foi com esse intuito que empreendemos essa pesquisa.

Os dados obtidos revelaram que na instituição investigada a maioria dos estudantes moram na zona rural do município e região de Nova Andradina e que prevalece uma visão neutra sobre a língua falada por eles, o que revela um desconhecimento das características do falar local (BUENO; SILVA, 2012) e que também indica a necessidade de fazer com que os próprios alunos reconheçam e passem a valorizar a língua falada por eles mesmos bem como de outros indivíduos de outras regiões do Brasil. Vale a pena frisar que esse trabalho com a heterogeneidade não anula o ensino das variedades socialmente prestigiadas (FARACO, 2008), pelo contrário, os alunos precisarão utilizar essa variedade em situações mais formais como, por exemplo, entrevista de emprego, apresentação de trabalhos e entre outras, mas a aprendizagem dessa forma de expressão, não pode anular a forma de falar com familiares ou amigos.

Percebemos também, com base nos dados coletados, que os alunos sujeitos da pesquisa reconhecem Portugal, a região Sul do país, o estado de Minas Gerais e as cidades de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro como lugares em que se falam a língua portuguesa de forma mais bonita e que, por outro lado, a região do nordeste do país foi mencionada como sendo o lugar onde a língua portuguesa é “menos bonita”, depois vieram o falar dos indígenas e o falar caipira.

Por fim, destacamos a necessidade de se ter, no ensino de línguas de uma forma geral, uma pedagogia da variação linguística que seja efetiva, democrática, inclusiva e não tolere qualquer tipo de discriminação. Nesse sentido, os resultados dessa pesquisa podem e devem ser utilizados nas salas de aula onde foram coletados os dados para discutir os mitos e preconceitos sob a luz da ciência linguística para promover uma educação sociolinguística que possa ir além dos muros da escola.

## Referências

BAGNO, M. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Preconceito Linguístico*. 56ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud et. al. São Paulo: Hucitec, 1981.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. 6. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: SEC/ SEF, 2000. 120 p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 04 ago. 2018.

BUENO, E. S. S.; SILVA, R. V. da. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino de língua portuguesa no Brasil. In: II SIELP - *Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa*. Uberlândia. Anais do SIELP. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2. p. 250-268. Disponível em <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume\\_2\\_artigo\\_116.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_116.pdf)>. Acesso em: 04 ago. 2018.

CYRANKA, L. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FARACO, C. A. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL - IFMS. *Projeto Pedagógico de Curso: Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária*. Nova Andradina, 2014. Disponível em: <encurtador.com.br/eqMP2>. Acesso em: 16 set. 2018.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X. C. *Qual política linguística? desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

MOLLIKA, M. C; JUNIOR, C. F. (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Pontes, 2016.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTOS, C.A.N. Crenças e atitudes de variedades linguísticas no nordeste brasileiro: como universitários de uma zona de fronteira dialetal percebem a língua portuguesa? *Revista Leitura* v. 2, nº 59 – Maceió – Jul./Dez. 2017, p.168-184.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington. Georgetown University Press, 2001.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática SA. 3ª ed., São Paulo: 1990.

*Recebido em 26 de maio de 2020*

*Aceito em 20 de agosto de 2020*